

# Finanças

financas@folhadelondrina.com.br



Finanças

## Arte para transformar e rentabilizar

Investir em obras de arte exige conhecimento e apreço

Magaléa Mazziotti  
Reportagem Local

Arte pode provocar transformações na alma e, por que não, no bolso. O mercado de obras de arte no Brasil ultrapassou a marca de R\$ 250 milhões em 2015, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No mundo todo, o setor atinge cifras da ordem de R\$ 50 bilhões por ano. O IBGE projeta uma tendência de expansão de 15% do mercado nacional, puxada pelos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, mas com contribuições de outras unidades da federação, incluindo o Paraná.

O mercado das artes é dividido em primário e secundário. O primário envolve a negociação com o artista ou seus herdeiros. Trata-se da primeira vez que a obra é comercializada. As galerias e os galeristas ou *marchands* acertam um percentual com os artistas sobre a venda. A galerista de Curitiba Zilda Fraletti, no mercado desde 1984, não só realiza a venda convencional, mas também organiza em sua galeria homônima grupos de investimentos, com 10 integrantes, que mensalmente investem R\$ 300, durante 10

meses, para adquirir uma obra do estabelecimento. "O início de tudo foi assim. Eu e o meu então marido encontramos uma forma de começar a adquirir obras de arte reunindo os amigos igualmente interessados nesses grupos. É uma espécie de poupança forçada e com a vantagem que, hoje, essas reuniões são uma forma de trocar conhecimentos, pois sempre trazemos um profissional do setor para aprofundar a formação de todos", explica Zilda.

Também é possível negociar no mercado primário diretamente com o artista, como é o caso do artista plástico e tatuador Humberto Tutti (Humberto Pereira Júnior). "A internet é uma grande galeria, democratizou o acesso e a visibilidade do que está sendo produzido. Por isso comercializo trabalhos prontos ou encomendas pelas redes sociais", afirma.

Dependendo do tamanho e da complexidade da obra, ele dispõe de seis meses a um ano de trabalho, em uma jornada de 12 horas por dia.



Tela é leiloadada pela Mazo Leilões, de Curitiba

"Tem produções mais rápidas, mas o processo criativo consome muitos estudos e visitas aos nossos bancos de imagens e referenciais diversos. Esse tempo de pesquisa entra no cálculo do custo da obra", esclarece. As telas dele variam R\$ 1,5 mil a R\$ 3 mil, dependendo do material usado. "Já empreguei até folhas de ouro com óleo e acrílico em um trabalho."

O mercado secundário é representado pelas casas de lei-

lões e feiras de arte que exercem um papel vital desde a Romagem para garantir liquidez no artístico da menta o direto lões, Guilherme se tratar de obras, a tendência aquisições são preço praticado primário. "Olhando e vendo produção brasileira nacionais es